

REPRESENTAÇÕES DA DIVERSIDADE RELIGIOSA NO COTIDIANO ESCOLAR: DIÁLOGOS COM OS SABERES HISTÓRICOS

Rafael Nóbrega Araújo¹
Patrícia Cristina de Aragão Araújo²

INTRODUÇÃO

O espaço escolar se constitui enquanto ambiente em que convivem crianças, jovens e adolescentes que pertencem à comunidades de diferentes pertencimentos religiosos, de múltiplas denominações religiosas e não religiosas. Coloca-se diante dos profissionais em educação o desafio de pensar e desenvolver uma prática educativa voltada para diversidade cultural, atentando para temáticas que dizem respeito também à diversidade religiosa, para que desta maneira se possa construir um ensino de História voltado efetivamente para a construção da cidadania.

Sendo um espaço no qual convivem diferentes sujeitos, de diferentes pertencimentos religiosos, torna-se fundamental perceber, a partir da escola, como a diversidade religiosa está ou não sendo abordada em sala de aula, no livro didático, no currículo, assim como na fala de professores e alunos.

No espaço do presente artigo, procuramos identificar a maneira pela qual a escola dialoga os saberes que são produzidos fora da escola, como os saberes advindos da experiência religiosa, do currículo da disciplina escolar História e perceber de que modo essa diversidade religiosa está sendo representada nas falas de professores e alunos de história do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Maria das Vitórias Uchôa Pires de Queiroz.

Desta forma, visamos expor os resultados obtidos ao longo do projeto de Iniciação Científica “*A memória ensinada e o currículo intercultural: memória, identidade e práticas educacionais*”; O trabalho apresenta os resultados da pesquisa em que realizamos na citada Escola de Ensino Fundamental, a partir do ensino de História para verificar como a questão da diversidade religiosa tem feito parte do cotidiano escolar e que, entretanto, tem tido pouca relevância no debate educacional e dentro do currículo.

Entendemos que a escola constitui um importante espaço para que a discussão sobre diversidade religiosa encontre relevo e possa ser efetivada na prática pedagógica, de forma a incluir os diferentes sujeitos escolares e suas práticas religiosas a partir do espaço escolarizado. Visto deste modo, a escola pode sim, propiciar o debate através do currículo, de ações pedagógicas inclusivas da diversidade religiosa que faz parte da história de vida de seus alunos e que está presente nas suas experiências também neste espaço.

Como proposta metodológica nesta investigação, optamos por trabalhar com os aportes da pesquisa qualitativa a partir de André (1995), por entendermos, em consonância com a autora, que esse tipo de pesquisa permite a aproximação com a Escola para compreender como operam as suas dinâmicas e relações no cotidiano escolar.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal do Ensino Fundamental Maria das Vitórias Pires Uchôa de Queiroz, que se encontra situada à Rua Goiana, 280, no Bairro das Cidades, uma localidade periférica do município de Campina Grande. Tomamos como fonte para análise neste trabalho as falas de alunos e professores da escola que foi lócus da

¹ Autor. Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pesquisador-bolsista do Projeto de Iniciação Científica: Saberes históricos, currículo e memória: ensino de história e identidade no contexto da diversidade religiosa. E-mail: rafaelnobreg@hotmail.com

² Orientadora. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professora titular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), atuando no curso de História, no Mestrado Profissional em Formação de Professores e no Mestrado de Serviço Social. E-mail: cristina-aragao21@hotmail.com

pesquisa, coletadas a partir da aplicação de questionários com os sujeitos participantes desta pesquisa.

Partimos também da investigação e estudo em documentos oficiais, como o Projeto Político e Pedagógico da escola, bem como as disposições presentes na LDB e no PCN de História, a fim de refletir sobre as políticas públicas direcionadas à este campo e, da análise do livro didático de História utilizado nesta escola. .

De modo a estabelecer uma discussão mais didática, o artigo encontra-se subdividido em dois pontos: o primeiro, de caráter teórico e conceitual, objetiva discutir os caminhos bibliográficos enveredados nesta pesquisa, refletindo em torno dos conceitos e das concepções teóricas adotadas no nosso estudo. Em um segundo momento, reflete acerca do caminho da pesquisa para ensejar a análise das fontes e as nossas percepções sobre as representações da diversidade religiosa no cotidiano escolar presentes nos documentos oficiais, no livro didático e nas falas de professores e alunos.

1 ENSINO DE HISTÓRIA E A DIVERSIDADE RELIGIOSA NA SALA DE AULA

O mundo contemporâneo se caracteriza pelas grandes transformações vividas pela sociedade. Estas transformações colocam diante dos profissionais em educação desafios para pensar os sentidos da prática pedagógica. A radicalização do processo de globalização aproximou os agrupamentos humanos, achatando a dimensão de tempo-espaço; o conhecimento cada vez mais dinâmico decorrente das novas formas de disseminação das tecnologias da informação; os paradigmas da racionalidade moderna são postos em dúvida (PACHECO, 2010).

Os movimentos sociais emergentes na década de 1970, como o movimento feminista e o movimento negro, em conjunto com as revoltas estudantis, movimentos contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis e pela paz possuíam uma ênfase e uma forma *cultural* muito forte. Além disto, estes movimentos se reuniam em torno de elementos aglutinadores das *identidades* dos seus grupos sustentadores (HALL, 2006, p. 44-5). Cada um destes movimentos contribuiu para se pensar acerca da identidade e da diferença presentes na sociedade contemporânea, dando voz e visibilidade para grupos histórica e socialmente marginalizados. Foram movimentos que tiveram conteúdos políticos e culturais, mas também, identitários. Como coloca Fleuri:

A emergência dos movimentos sociais coloca, portanto, a necessidade de a escola se assumir, não apenas como um espaço de tolerância e de cruzamento da diversidade, mas como contexto cultivador do diálogo crítico, democrático e criativo (2013, p. 66).

Recai para a escola, enquanto instituição que (re)produz relações sociais, o desafio de repensar o seu papel como lugar que privilegie a socialização de saberes e a construção de novas relações de saberes e fazeres para além da mera reprodução da ordem social vigente. Para tal, a escola demanda atualizar seus objetivos e metodologias e dessa maneira possibilitar produzir um lugar para a diversidade e que atenda as demandas das transformações sociais e culturais da contemporaneidade.

Diante deste cenário, é mister pensar o papel e lugar do ensino de História na contemporaneidade, para que, atrelada às discussões em torno da interculturalidade possa refletir em torno da prática do ensino voltado para a diversidade religiosa no cenário escolar. Neste sentido, realizamos a discussão em torno do ensino de História a partir do que propõe Ricardo Pacheco (2010) e Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2012), trazemos as contribuições de Eliane Moura da Silva (2004) e Reinaldo Matias Fleuri (2013) para discutir a

diversidade religiosa e suas confluências com a educação e, para discorrer sobre educação e interculturalidade, dialogamos com Vera Candau (2014).

Educar para a cidadania, esse é o objetivo da educação na escola pública. Dentre os múltiplos sentidos atribuídos à disciplina escolar História desde os seus primórdios, o ensino de História teve diferentes configurações e objetivos ao longo do tempo. Recentemente, a partir da redemocratização, a escola e o currículo começaram a se abrir para as demandas das transformações sociais, criando o diálogo com outros saberes fora do circuito curricular e acadêmico, o ensino de História ganhou com tal perspectiva, pois possibilita com tal prática o sentido de educar para formar cidadãos aptos para conviverem em sociedade; isto é, reconhecer e respeitar as diferenças dos/nos outros. Reconhecimento este, que deve ser inicializado na família, na escola e em outros espaços de convivência social dos alunos e que, no entanto, na escola ganha contornos e possibilidades, porque a convivência do aluno neste espaço cobre grande parte de sua vida.

Consiste-se, dessa forma, em uma educação para a realização da vida pública. A consecução desse fim só é possível por vias da cidadania com o desenvolvimento de atitudes de tolerância, respeito e reciprocidade entre as pessoas de diferentes culturas, que professam diferentes escolhas e opções religiosas. Torna-se cada vez mais pertinente identificarmos na escola como estão sendo trabalhados os saberes históricos, a fim de que se possa construir, verdadeiramente, uma prática pedagógica voltada para a diversidade.

Neste sentido, orientamos nosso trabalho para estudar a diversidade religiosa na escola Maria das Vitórias a partir das possibilidades teóricas e metodológicas da “dimensão” da História Cultural, através da qual nos norteamos na noção de *representação* oferecida pelo historiador francês Roger Chartier. Os últimos anos demonstram que a História Cultural se tornou um dos campos mais vigorosos e debatidos do âmbito histórico (CHARTIER, 2015, p. 33), apresentando uma multiplicidade de enfoques e possibilidades de estudo.

O interesse pela cultura, História Cultural e “estudos culturais” tornou-se cada vez mais visível nas décadas de 1980 e 1990, esta virada cultural apresentou efeitos bastante significativos em diversos campos de estudo, em especial, para a História (BURKE, 2008, p. 45, 47). A expansão da cultura coloca cada vez mais em cena as influências dos aspectos culturais para fenômenos sociais e políticos.

Em seu texto “O mundo como representação”, publicado em 2002 junto com uma série outros artigos na coletânea *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*, Roger Chartier tece importantes considerações sobre o seu projeto intelectual para a História Cultural e, sobretudo, acerca do conceito de “representações coletivas”. O autor coloca que a História nos últimos anos encontra-se diante de um desafio, que consiste em uma crítica dos postulados das próprias ciências sociais, uma dicotomia que apontaria para uma fratura epistemológica: de um lado o retorno da filosofia do sujeito, que triunfalizam a ação individual; do outro a reformulação de várias propostas estruturalistas, em que os sujeitos são vistos como meros joguetes na “arquitetura” das estruturas sociais (CHARTIER, 2002, p. 64; CARVALHO, 2005, p. 145).

Diante do que o autor expõe, a História é chamada a reformular seus objetos, suas referências e os seus princípios de intelegibilidade (CHARTIER, 2002, p. 64). Chartier (2002, p.67) acredita então, que renunciando a tirania do recorte social, pautada em uma história econômica, demasiado baseada em quadros, séries e números, é possível a abertura para novas perspectivas que permitam pensar outros modos de articular as obras ou as práticas e o mundo social, pois são sensíveis à pluralidade de clivagens que atravessam a sociedade e à diversidade de empregos de materiais e códigos partilhados.

Neste sentido, segundo Chartier, a História Cultural tem por objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensado, dado a ler” (CHARTIER, 1990 citado por CARVALHO, 2005, p. 149). Para a construção

deste seu projeto intelectual o autor vai dispor, sobretudo, do conceito de representação enquanto instrumento essencial de análise cultural (CHATIER, 2002, p. 73), uma vez que, este conceito permite vincular as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais (CHARTIER, 2015, p. 49).

O conceito de *representação* abre uma dupla via, a primeira que pensa a construção das identidades sociais como resultado da relação de força entre as representações impostas por quem detêm o poder e a definição que cada comunidade faz de si mesma; a outra dá visibilidade a representação que cada grupo faz de si mesmo, ou seja, a capacidade que cada grupo tem de reconhecer sua existência. As lutas de representações objetivam a ordenação da própria estrutura social, determinam posições e relações, constroem as maneiras de se perceber e ser percebido, constituindo dessa maneira a identidade (CHARTIER, 2002, p. 73).

Diante do exposto, o conceito de representação nos é muito caro para identificar de que maneira cada grupo se vê percebido dentro de sua identidade de pertencimento religioso na escola, no livro didático, nos documentos oficiais da escola, nas falas da professora e nas suas próprias falas enquanto alunos. A diversidade religiosa presente na escola e no ensino de História permite o reconhecimento de que as questões religiosas permeiam a vida cotidiana, fornecendo elementos para a construção de identidades, de representações coletivas e seu lugar como parte da cultura, levando a compreender o nosso lugar dentro do prisma religioso, reconhecendo o lugar dos “outros” em suas singularidades.

No ambiente escolar confluem crianças, jovens e adolescentes de diversos espaços de pertencimento religioso, de tradições e comunidades religiosas diferenciadas. A escola é em si um ambiente diverso, porém, surge daí uma inquietação: de que maneira esses jovens se percebem dentro de sua diferença e como são percebidos pela escola? Conforme será explanado no próximo ponto deste artigo, iremos identificar as representações da diversidade religiosa como parte fundante para a construção de um ambiente e uma prática de ensino em que todos sejam respeitados e incluídos.

Ressaltamos a importância de se perceber as representações da diversidade religiosa no sentido de:

Conhecer o lugar onde estamos e onde os outros estão em relação à fé e às crenças leva-nos a desenvolver um sentido de proporção no amplo campo das religiões, religiosidades, experiências religiosas - onde todos devem ser ouvidos e respeitados. A diversidade se faz riqueza e deve conduzir à compreensão, respeito, admiração e atitudes pacificadoras (SILVA, 2004, p. 6).

A discussão em torno do complexo debate sobre a temática das religiões na escola pública resultou na formulação de dispositivos legais, tais como o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ LDB (Brasil, 1996). (CITAR ARTIGO 33) Conforme assinala Fleuri (2013) ações como esta apresentam perspectivas que apontam para um novo tratamento da cultura religiosa nas práticas educativas desenvolvidas nas escolas.

Fleuri (2013, p. 72) acredita que o estudo da diversidade religiosa nas escolas públicas devem se pautar em três elementos tolerância, reciprocidade e civismo. Seguindo as ponderações do autor, a tolerância é mais do que apenas “suportar” a liberdade de escolha de outras pessoas por valores religiosos diferentes ou de frequentar grupos culturais e religiosos que se diferenciam dos nossos. A tolerância deve supor, então, que da mesma maneira em que consideramos válidos os princípios e convicções que conduzem as nossas vidas, também devemos considerar válidas as concepções dos outros, sem julgar se são legítimas ou não.

Por seu turno, a reciprocidade se constitui como uma competência social para desenvolver o respeito para com o outro, é esperado que na escola o jovem possa desenvolver a capacidade de se distanciar das suas próprias afirmações de fé, para tomar consciência do afastamento de suas próprias convicções para reconhecer que o que faz sentido de mundo para

ele, pode não fazer sentido para outro, e ao tomar conhecimento disso possa reconhecer os valores e a importância de comunidades acreditam diferentemente dele (FLEURI, 2013).

No que tange ao civismo, a escola deve educar o jovem para a moderação com relação às suas expressões, não significa para Fleuri (2013) censurar as manifestações religiosas dos jovens, mas sim de que a crença de um indivíduo não entrave ou se sobreponha a do outro. Trata-se da preparação para a vida pública, a manifestação das representações religiosas em sociedade, de modo que todos possam participar e igualmente tendo seus direitos respeitados, sem discriminação, tratando todos com reciprocidade.

Neste sentido, estudo dos fenômenos religiosos pode trazer importantes contribuições para a educação, pois um estudo científico das manifestações religiosas reconhecendo-as enquanto importante elemento cultural pode ser utilizado no desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico e, dessa forma contribuir também para o fortalecimento da cidadania.

O diálogo com os saberes religiosos faz parte da proposta de uma educação intercultural, conforme assinalado por Candau (2014), em que a autora pontua algumas considerações sobre as implicações teóricas e práticas para que os profissionais em educação possam assumir no processo do ensino aprendizagem. Dentre os desafios e possibilidades apontados por Vera Candau (2014) destacamos dois pontos para pensar a diversidade religiosa e a importância do diálogo entre a escola e os saberes culturais e religiosos.

O primeiro consiste no desafio fundamental para se estabelecer verdadeiramente uma educação voltada para interculturalidade, trata-se da condição básica para sua efetivação: o reconhecimento da diferença como riqueza e vantagem pedagógica, para dessa forma não reduzi-la a mera igualdade e a padronização, mas sim reconhecer a singularidade e o valor de cada ator social. E, em segundo lugar, uma possibilidade para pensar a interculturalidade, seria a de romper com o “monoculturalismo”: constatar a incompletude de todos os saberes e por este motivo empreender uma ecologia de saberes, ou seja, dialogar saberes de dentro e fora da escola para construir uma educação voltada para a diversidade cultural e religiosa (CANDAU, 2014, p. 31, 34, 35).

Dessa maneira procuramos empreender nossa análise acerca das representações da diversidade religiosa a partir dos diversos lugares de fala da escola Maria das Vitórias Uchôa Pires de Queiroz, em que buscamos identificar como cada sujeito constrói sua representação religiosa de si e do outro, procurando perceber como esse saber dialoga com os saberes históricos.

2 A DIVERSIDADE RELIGIOSA NA SALA DE AULA: RELATOS DE PESQUISA NA ESCOLA MARIA DAS VITÓRIAS PIRES UCHÔA DE QUEIROZ

A Escola Municipal do Ensino Fundamental Maria das Vitórias Pires Uchôa de Queiroz foi fundada em 17 de Março de 2003, encontra-se localizada na Rua Goiana, 280, no Bairro das Cidades, município de Campina Grande. É mantida pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e administrada pela Secretaria de Educação e esportes desta mesma cidade. Funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite; possuindo ensino regular dos anos iniciais aos anos finais do ensino Fundamental (do pré ao 9º ano), assim como Educação para Jovens e Adultos, além disto, a Escola também oferece atividades complementares como hip-hop, música, futebol e futsal.

No que tange a estrutura funcional da Escola, ela dispõe de laboratório de informática com 10 computadores para uma demanda de aproximadamente 1.000 (mil) alunos e dispõe de apenas uma sala de leitura. Recentemente, por uma reivindicação da direção, professores e funcionários da escola, a Prefeitura Municipal de Campina Grande realizou uma reforma, propondo a ampliação da Escola e construção de uma quadra poliesportiva, que, apesar da

grande necessidade da Escola e da comunidade, a obra encontra-se abandonada, apenas parcialmente concluída.

A título de contextualização sociocultural, a Escola se encontra em uma comunidade pobre do município, que trata-se do Bairro das Cidades. Localizado na Zona Urbana da cidade, possui uma população de aproximadamente 4.885 habitantes, apresenta rendimento médio mensal de R\$ 177.44, o índice de alfabetização é de 62,5 habitantes (IBGE, 2002)³.

A escolha pela escola em questão para ser o *lócus* de nossa pesquisa encontra-se em consonância com a pertinência desta investigação, tendo em vista que o Bairro das Cidades conta em sua composição com a presença de múltiplos espaços de pertencimento religioso, desde o catolicismo, às múltiplas denominações pentecostais e neopentecostais, além de um templo das Testemunhas de Jeová, assim como dos Santos dos Últimos Dias e terreiros de Candomblé. Além disto, por se tratar de uma comunidade periférica da cidade de Campina Grande, encontra-se muitas vezes a margem das políticas públicas e, entendendo que podemos oferecer nossa contribuição para essa comunidade, optamos por escolhê-la para compor nossa pesquisa.

Diante do que foi exposto, podemos perceber um pouco da realidade deste bairro periférico, que se faz de fundamental importância para que trabalhemos sobre como a diversidade religiosa está sendo representada por estes jovens na Escola Maria das Vitórias. Dessa forma, procuramos identificar as representações da diversidade religiosa presentes no ensino de História a partir da percepção de alunos e professores desta escola.

Conforme nos aponta Pacheco (2010) o ensino de História em diálogo com os saberes históricos deve educar para uma formação cidadã e participativa, partindo do princípio da inclusão, deve formar para interculturalidade e a diversidade, a História deve formar para a vida pública, para a vida em comunidade. Ricardo Pacheco (2010) nos diz que a ordem dos saberes históricos se encontra em três elementos: o primeiro, são as informações históricas, que cumprem o papel de informar os alunos sobre os eventos e processos que constituem a memória coletiva; em segundo, os conceitos históricos, que desenvolvem o pensamento lógico e formal do aluno, provando a ruptura com o senso comum; e, por último, os procedimentos próprios ao conhecimento científico. Ou seja, mostrar aos alunos métodos de coleta e organização das informações, um pouco do que faz o historiador. Segundo o autor, estas três ordens de saber oferecem ao sujeito ferramentas para ler e interpretar o mundo, de forma crítica e qualificada, reiterando sempre a preocupação e a relação com o tempo presente.

No nosso universo amostral contamos com a participação de 21 jovens, da turma de 9º ano A, da Escola Municipal Maria das Vitórias, dos quais 14 são do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Verificamos que dentre as respostas coletadas existem 11 protestantes na turma, 7 católicos e 3 jovens pertencentes à outras religiões ou que não responderam. A aplicação do questionário com a turma se deu em um momento durante as aulas de História, em que foi apresentada a temática do projeto e explicado passo a passo o questionário, composto por 5 perguntas para ouvirmos os jovens sobre a disciplina escolar História, o seu ensino, a diversidade religiosa e sua interação na sala de aula.

Questionados sobre a importância que a História representa para o seu aprendizado, a maioria dos jovens ofereceu basicamente a mesma resposta. Evidenciamos a percepção de três jovens: a primeira jovem, "M. E.", nos diz que "a importância (da disciplina História) é que a gente aprende várias coisas sobre o tempo antigo"; por seu turno, "S. K." acredita que "a História é a maneira de saber sobre o meu passado, o passado das coisas, pessoas e origem das coisas", já para "I. P.", a importância da História consiste em descobrir "a história dos antepassados, como foi a vida de pessoas conhecidas, e políticos, cangaceiros, etc.".

³ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bairro_das_Cidades_\(Campina_Grande\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bairro_das_Cidades_(Campina_Grande))

Diante das respostas destes três jovens podemos perceber a representação que eles constroem acerca da História e o seu ensino, evidenciando que sua grande maioria percebe a História como um campo de estudos voltado para o passado, para compreender fatos e acontecimentos que estão muito distante deles no tempo e no espaço. É possível perceber o distanciamento que os alunos tem com relação aos saberes históricos, apesar de alguns comentarem que a história é importante, ou que gostam muito da disciplina, mas não lhes é transmitido a importância que a disciplina escolar História possui de formar cidadãos criticamente conscientes e preocupados com o seu tempo.

Neste sentido, recorremos as ponderações feitas por Pacheco (2010) e Albuquerque Júnior (2012) a respeito da relação da história e do ensino de História para o tempo presente. O primeiro autor entende que a História deve formar cidadãos criticamente conscientes da sua realidade social, enquanto para Albuquerque Júnior (2012) a História (sua escrita e seu ensino) deve servir à vida, a História não deve ser a valorização do passado em detrimento do presente, neste sentido, o ensino de História deve ter sua preocupação voltada para o presente.

Caminhando de mãos dadas para uma formação cidadã, o ensino de História precisa dialogar com a diversidade religiosa, de modo que esta é uma temática presente no cotidiano e que gera profundos debates em torno do respeito e da tolerância na sociedade brasileira. Educar para a diversidade é uma resposta para esses debates e uma saída em tempos de radicalismos, fundamentalismos e conservadorismos.

Interrogados sobre como veem a diversidade religiosa na escola, a maior parte dos jovens percebe positivamente esse aspecto dentro da escola, entendendo que este fator contribui para o aprendizado, mas reconhecem a existência do preconceito. Nas palavras de "I.P.", a diferença religiosa na Escola é “normal, trato eles normalmente sem diferença nenhuma, pois cada um é livre para ter suas escolhas.” O mesmo posicionamento de "L. I.", que também considera normal, “porque cada um tem sua religião.”

Entretanto, ao passo em que alguns jovens atentam para a diversidade como reconhecimento e respeito pelas diferenças sociais, culturais e religiosas, considerando-a “legal”, outros jovens, mesmo reconhecendo a diferença e a diversidade religiosa, entendem que sua religião é única, e que seu Deus é o certo, ou como foi visto em algumas falas percebem diferença como uma dicotomia entre protestantes e católicos, não reconhecendo outras religiões.

Como exemplo para ilustrar o que foi abordado, temos a fala de "A. L". que é protestante, a respeito da diversidade religiosa ela percebe “como algo novo, independente de qualquer religião temos que respeitar, apesar de DEUS ser o único”. Já para "M. V." “algumas pessoas é diferente um dos outros porque uns é católico e outros é evangélico”. Aí reside uma grande preocupação por parte da escola e da professora com as temáticas acerca da religiosidade africana, pois, elas vem com uma carga pejorativa muito forte, gerando diferentes reações entre os(as) jovens que tem uma experiência religiosa mais fervorosa.

Um dos jovens que responderam ao questionário possui 17 anos e será identificado aqui por "A. N.". Este jovem ao responder a pergunta sobre sua religião assinalou o campo destinado à resposta com o seguinte: “não tem aqui”. A sua resposta nos chamou a atenção e por isso vamos destacar alguns pontos a respeito do seu pertencimento religioso e a representação que esse jovem constrói sobre si e sua religião e a que os outros constroem.

Quando do momento da aplicação do questionário na turma do 9º ano B, o jovem encontrava-se muito inquieto para responder e apresentou algumas dúvidas para preencher o que pedia o questionário. Logo na pergunta “Qual a sua religião?” o jovem perguntou o que ele responderia ali, explicamos que seria a religião a qual ele pertencia. Neste momento os colegas de sala riram e caçoaram dele dizendo que ele ia dançar em “terreiros” de macumba. Entretanto, para se defender, o jovem disse-nos que era mentira e que ele ia apenas para olhar e que não participava.

Diante da situação que se apresentou para nós na sala de aula envolvendo o jovem "A. N." procuramos pensar acerca das representações construídas por esse jovem e em torno dele. A partir da situação descrita do momento do preenchimento do formulário e a análise dos dados coletados, podemos inferir algumas hipóteses acerca do que o aluno escreveu na sua resposta.

“Não tem aqui”. Sua resposta diz muito, pois dentre os 3 jovens que não estão alocados no grupo de católicos ou evangélicos, ele foi o único que preencheu dizendo que sua religião não tinha ali, no espaço escolar. Eis uma problemática acerca da representação da diversidade religiosa na escola. Em primeiro lugar, podemos perceber que o jovem não se vê representado dentro de seu pertencimento religioso na Escola ou entre os seus colegas. Em segundo, o reconhecimento da diversidade não pode perpassar unicamente pela dicotomia católico/protestante. Deve-se reconhecer que existe uma miríade de outras religiões presentes no espaço escolar, como é o caso de "A. N."

O livro didático utilizado pela professora e que analisamos aqui é *História Sociedade & Cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior (2012). Na capa do livro estão representados participantes do Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre (RS) em 2005, na qual estão realizando uma ciranda. Na imagem, pode-se ver pessoas de diferentes povos, etnias e religiões brincando com uma representação do planeta terra. Porém, no livro didático a discussão sobre diversidade encontra-se relegada à última unidade em que o tema norteador é “Ética, cidadania e meio ambiente”. Porém, a questão da diversidade religiosa se faz pouco presente, apenas as páginas 281, 291 e 296 trazem imagens que representam a diversidade religiosa.

Ao se deparar com a ausência de discussões sobre diversidade religiosa no livro didático e no próprio currículo, a professora "D" procurou minimamente suprir a carência e as lacunas deixadas no livro didático. A professora "D" afirma que na escola são discutidas questões relativas à diversidade religiosa, "embora, tenhamos muito cuidado no trato deste conteúdo, tendo em vista que carregam uma visão preconceituosa no tocante as religiões afro e indígenas" (PROFESSORA D., 2016). Além disso, a escola procura suprir a carência de discussões sobre diversidade religiosa através de semanas pedagógicas, bem como a equipe pedagógica procura suprir a ausência de discussões sobre diversidade durante a escolha do material didático.

O diálogo com os saberes religiosos, advindos da experiência dos alunos, (sem que se faça proselitismo religioso) contribui e fortalece a diversidade, a partir do momento que o jovem se incluído e participe do processo de ensino-aprendizagem a sua autoestima se vê recuperada.

Para a jovem "I. P." a importância de se trabalhar História em diálogo com os saberes religiosos em sala de aula “tem a importância de cada um respeitar a religião do próximo”. Dessa maneira, professora "D." enxerga uma possibilidade para a escolar trabalhar com a diversidade religiosa “incluindo no currículo como interdisciplinar e realizando um trabalho que envolva os demais professores no sentido de difundir o respeito pelas escolas religiosas de cada um” (PROFESSORA D., 2016).

Neste sentido, ressaltamos a importância do diálogo com saberes históricos em diálogo com um currículo intercultural, recepcionando saberes advindos da experiência cotidiana, assim com os saberes religiosos. O Projeto Político Pedagógico da Escola Maria das Vitórias assinala a importância desse diálogo e da recepção desses saberes, como ponto importante para

o “fazer” pedagógico envolvendo elementos como grade curricular, disciplinas, conteúdos e conhecimento. É necessário resgatar os saberes, as experiências que o aluno traz de seu cotidiano (PPP – MDV, 2007, p. 6).

Portanto, recai a importância do diálogo dos saberes históricos com outros saberes advindos da experiência religiosa para a construção de um processo de ensino-aprendizagem inclusivo e crítico, objetivando a formação de cidadãos aptos para viver criticamente em sociedade. Faz-se importante destacar que as religiões são parte importante da memória cultural e do desenvolvimento histórico de todas as sociedades, em uma prática educativa que se discutam valores, princípios e as diferenças objetivando, sempre, a compreensão do outro (SILVA, 2004).

CONSIDERAÇÕES

O processo ensino-aprendizagem precisa incluir mais jovens como "A. N." que não se veem dentro da escola no formato como vem sendo oferecido. A escola deve atender às demandas sociais de novos atores e sujeitos sociais que anseiam por terem seu lugar e protagonismo na sociedade. O público que está recebendo as informações históricas não pode ser visto como meros receptores de conhecimento, pois, isto retira o papel da escola em uma formação voltada para o mundo da informação e de uma sociedade democrática, em que todos sejam respeitados igualmente em suas diferenças.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?". In: GONÇALVES, Márcia de Almeida [et al.] (Orgs.). **Qual o valor da história hoje?** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acessado em: 28 de Março de 2016.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania** – Edição reformulada, 9º ano. – 2. ed. – São Paulo: FTD, 2012.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula – 2. ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANDAU, Vera Maria. "Educação intercultural: entre afirmações e desafios". In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier**. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.**; trad. Cristina Antunes. – 2.ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. – (Ensaio Geral).

FLEURI, Ronaldo Matias. “Relações interculturais, diversidade religiosa e educação: desafios e possibilidades”. In: FLEURI, Ronaldo Matias [et al.] (orgs). **Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver** - Blumenau: Edifurb, 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Os saberes da história: elementos para um currículo escolar contemporâneo**. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 759-776.

QUEIROZ, Maria das Vitórias Uchoa Pires de. **Projeto Político Pedagógico**. 2007.

SILVA, Eliane Moura da. **Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e educação para a cidadania**. Revista de Estudos da Religião Nº 2, São Paulo: 2004. pp. 1-14.